



Antero

de Quental

e

Leão Tolstói

Trabalho apresentado no evento "A Melhor Literatura do Mundo – Prosa, Poesia e Teatro Russo", realizado no Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro, 17/5/2005.

**BORIS SCHNAIDERMAN**  
é professor aposentado da FFLCH-USP, tradutor e ensaísta. É autor de, entre outros, *Dostoiévski – Prosa e Poesia (Perspectiva)*.

# Um episódio das relações culturais Rússia/Ocidente

BORIS SCHNAIDERMAN

Agradeço muito o convite que me foi feito para vir aqui falar a vocês e vou aproveitar a oportunidade para voltar a um tema que já abordei anteriormente e sobre o qual tenho agora mais dados a acrescentar, tema este que nos ajuda a repensar muitos aspectos de nosso mundo. Trata-se do “encontro” de Leão Tolstói e Antero de Quental e das respectivas implicações.

Veja-se bem: não pretendo “comparar o incomparável” (estou repetindo agora o título de um livro do historiador Marcel Detienne, *Comparer l’Incomparable*)<sup>1</sup>, nem entregar-me ao jogo vão que Léon Robel apelidou de comparação entre o pêssego e o abricó<sup>2</sup>. O que me interessa, neste momento, é a reação de Tolstói a textos de Quental e vice-versa.

1 Marcel Detienne, *Comparer l’Incomparable*, Paris, Seuil, 2000.

2 Léon Robel, artigo na revista *Action Poétique*, década de 1970, e que estou agora citando de memória.

Como se sabe, a divulgação maciça da literatura russa na França na década de 1880, e a partir daí no Ocidente em geral, suscitou uma série de reações apaixonadas, que raiavam o exagero, como foi o caso da afirmação que deu o título a este nosso encontro. É interessante, porém, acompanhar a reação dos contemporâneos, que muitas vezes chegaram a observações penetrantes, não obstante o parco material de que dispunham.

Nesse sentido, apresenta interesse especial a reação de Antero de Quental à obra de Tolstói. Só tomei conhecimento dela graças a meu amigo por correspondência, eminente estudioso da literatura russa e particularmente do tolstoísmo, o professor norte-americano William B. Edgerton, recentemente falecido, autor do estudo "Tolstoy and Magalhães Lima", publicado na revista *Comparative Literature*<sup>3</sup>.

Agora, tenho de falar um pouco deste meu amigo, que foi professor de Literatura Russa em Bloomington, Indiana, para que se compreenda a importância de sua contribuição. *Quaker*, ativista de movimentos pela paz e contra o racismo, era um tolstoiano convicto e sabia unir esta sua posição com uma extrema tolerância em relação aos que divergiam dela frontalmente. Era certamente o meu caso, mas isso nunca prejudicou a nossa relação. Lembro-me da alegria com que recebeu o meu pequeno livro sobre Tolstói, editado pela Brasiliense<sup>4</sup>, em que eu defendia uma posição diametralmente oposta à sua, isto é, para mim Tolstói deve ser lido e estudado como o ficcionista gigante que foi, sem priorizar sua atuação como apóstolo.

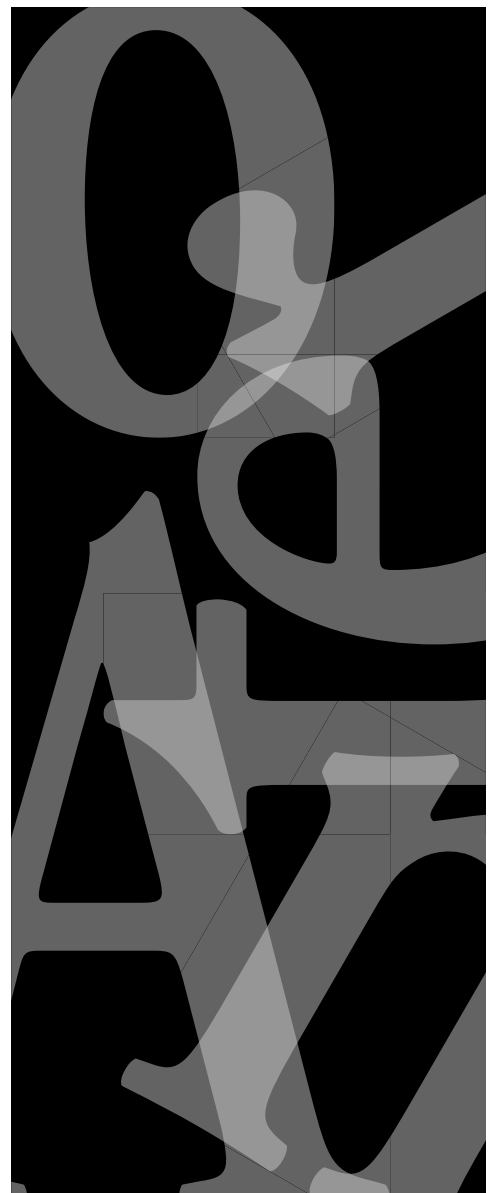
Além de estudioso sério da literatura russa, Edgerton era um poliglota, um indivíduo extremamente interessado na literatura do mundo todo, mas quase sempre em relação com a Rússia. Guardo até hoje a primeira carta que me escreveu, num russo escorreito, elegante, que seria seguida por outras em inglês. Aliás, ele publicou em russo vários trabalhos.

Pois bem, entre os campos por ele explorados, figurava a literatura portuguesa. Assim, teve uma fase de entusiasmo pela

obra do escritor português José Rodrigues Miguéis e sua relação com Dostoiévski.

Compreende-se, pois, que tenha se interessado pelo tolstoiano português Jaime de Magalhães Lima (1859-1936).

Esse autor, nascido no Brasil de pais portugueses, foi levado para Portugal quando menino. Realmente, não era um grande escritor, mas tinha sua graça e criava uma literatura em que se percebia uma chama interior, uma paixão desmesurada pelos temas de sua época. Amigo de Eça de Queiroz, Oliveira Martins e, sobretudo, Antero de Quental, ele teve, como este, as suas simpatias pelo socia-



3 William B. Edgerton, "Tolstoy and Magalhães Lima", in *Comparative Literature*, inverno de 1976.

4 Boris Schneiderman, *Tolstói - Antiarte e Rebelião*, São Paulo, Brasiliense, 1983.



lismo e uma preocupação intensa com a problemática social, mas, segundo tudo indica, não chegou a ter verdadeira militância socialista, como foi o caso de Antero, que ele considerava o seu mestre. A atuação política de Magalhães Lima se deu nas fileiras do Partido Republicano Português.

Na década de 80, estava desiludido com as possibilidades de uma revolução social, e isso certamente contribuiu para que se entusiasmasse pela doutrina tolstoiana da não-resistência ao mal pela força. Esse entusiasmo o impeliu a viajar para a Rússia, sobretudo para ir à propriedade rural de Tolstói em Iásnaia Poliana, onde permane-

ceu duas semanas. Essa experiência ficou registrada em dois de seus livros: *Cidades e Paisagens* e *As Doutrinas do Conde Leão Tolstói*<sup>5</sup>.

Nesse último livro, há uma defesa apaixonada do tolstoísmo, que o leva a afirmar: “[...] procurava um romancista e encontrei um filósofo, levemente preocupado das coisas literárias”<sup>6</sup>.

É bem interessante o relato de seu primeiro encontro com o conde.

“ – A sua profissão?  
– Proprietário e jornalista.  
– E deste homem? acrescentou apontando meu intérprete. É meu intérprete.  
– O que há de melhor, disse severo e duramente, é pedir esmola –, ser intérprete já é melhor do que ser proprietário, mas ser proprietário é o que conheço de pior”<sup>7</sup>.

Antero de Quental, a quem esse livro é dedicado, procurou aplicar uma ducha de água em seu amigo. Ela ficou bem explícita numa carta que lhe enviou:

“Tenho pena de que se não tivesse demorado mais na Rússia para nos poder dar mais algumas impressões daquela nação destinada a exercer influência decisiva na futura civilização. Que espécie de influência? Confesso-lhe que tenho graves apreensões a tal respeito e que desconfio bastante de gente de tanta imaginação. O Tolstói é certamente admirável como indivíduo: mas que significa e que pode dar de si aquela renovação do Evangelismo? O pensamento da Rússia, até agora, parece-me perfeitamente caótico. Mas o mundo começa a estar tão cansado de lógica, de ciência, de análise, que talvez se deixe levar mais uma vez pelos entusiastas e visionários. Creio que é isto o que explica o *engouement* atual pelos russos. Mas, em suma, será sempre necessário voltar à razão e aos seus processos severos. [...] É verdade que, quando a dita razão, como já tem sucedido, se mostra inferior à sua tarefa, hesita e abdica, o inconsciente, o instinto, o sentimento voltam a entrar em cena. Mas não posso considerar tal fato senão como um retrocesso. Foi isso o Cristianismo. Pode

5 Jaime de Magalhães Lima, *Cidades e Paisagens*, Porto, 1889, e *As Doutrinas do Conde Leão Tolstói*, Porto, 1892.

6 Idem, *As Doutrinas do Conde Leão Tolstói*, op. cit., p. 1

7 Idem, *ibidem*, p. 2.

ser que um semelhante retrocesso esteja em preparação: então os russos, como os entusiastas e instintivos por excelência, representarão um papel proeminente. Mas creio que isso será equivalente à destruição do espírito moderno”.

Lê-se em outra carta de Antero a Magalhães Lima: “Quem me dera viver sempre com doidos como o Conde Tolstói! Não é só um santo, é também um sábio”<sup>8</sup>.

Realmente, pode parecer estranho que eu só tenha tomado conhecimento desses materiais graças ao referido estudo de William B. Edgerton, mas encontro um alibi no mesmo artigo, em que se diz de Magalhães Lima: “Seu papel como um intermediário entre a literatura russa e Portugal ainda não é devidamente reconhecido em seu país e completamente desconhecido no estrangeiro; seu nome não se encontra em parte alguma em toda a vasta bibliografia sobre Tolstói”.

É verdade que o referido estudo de Edgerton provocou grande celeuma em Portugal, aparecendo ali diversos artigos em que se frisava a importância daquela descoberta. Mas, embora alguns articulistas revelassem conhecimento de Magalhães Lima, este não voltaria a ter presença na vida literária. Pelo menos, quando estive em Lisboa, em dezembro de 2004, procurei livros seus no catálogo da Biblioteca Nacional, e não havia nenhum no fichário. Pedi a uma pessoa amiga que procurasse o seu nome nos *sites* de outras bibliotecas universitárias lisboetas, e só havia um livro seu na biblioteca da Universidade Católica.

O curioso é que a Biblioteca Mário de Andrade, de São Paulo, tem vários livros de Magalhães Lima, e eu pude consultá-los ali, além de um livro que recebi de presente de um amigo que é grande freqüentador de sebos, o professor João Alexandre Barbosa.

Procurei o nome do escritor em várias histórias da literatura portuguesa, mas em vão, embora algumas sejam bastante volumosas. Fui encontrar uma notícia razoável sobre sua vida e obra na *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, publicada em fins da década de 1960.

Essa minha busca foi ainda prejudicada pelo fato de o escritor português ter publicado alguns de seus livros como Magalhães Lima, com a omissão do prenome, o que dá margem a confusão com o seu irmão Sebastião de Magalhães Lima, que teve atuação intensa na política, chegando a candidatar-se à presidência da República.

Mas deixemos de lado essas agruras de pesquisa e detenhamo-nos um pouco no trecho do diário de Tolstói em que ele trata de sua leitura de Antero de Quental, e que foi referido por Edgerton.

Parece-me quase certo que Tolstói tenha tomado conhecimento de Antero de Quental graças à visita de Magalhães Lima. Mas ele o teria lido em que língua? Eis aí um dado a ser ainda esclarecido. O mais provável, porém, é que tenha sido a partir de uma tradução alemã do grande lusitanista Wilhelm Storck.

Aqui está a passagem, uma anotação de 15 de março de 1889:

“Levantei-me cedo como sempre, trabalhei muito, li Quental. É bom. Ele diz ter percebido que, apesar de todas as provas irrefutáveis (do determinismo), no sentido de que a vida depende das causas externas, a liberdade existe – mas ela existe somente para o santo. Pelo contrário, ele (o santo) se torna o senhor do mundo, porque ele é o seu intérprete supremo. E é somente por seu intermédio que o mundo sabe para que ele existe. Somente ele realiza a finalidade do mundo. É bom”.

Ainda resta muito a esclarecer sobre esse contato do universo de Tolstói com o de Antero de Quental. Fica-nos, porém, a imagem da confluência entre a visão tolstoiana e a do poeta português no período imediatamente anterior a seu suicídio. Não importa, pelo menos em relação a este caso, que ele tenha se assustado, anteriormente, com a intensidade onírica do mundo russo, numa antevisão realmente profética dos caminhos que a humanidade iria seguir. Fica-nos a lembrança do encontro entre aqueles dois mundos, tão diferentes entre si e, ao mesmo tempo, com tantos pontos de contato.

<sup>8</sup> Cartas de 1889, in *Cartas de Antero de Quental*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1921.